

# Festas religiosas, sentidos e imagens na televisão Brasil Central (Goiás)

Givaldo Ferreira Corcinio Junior, ABC – Agência Brasil Central , Brasil

**Resumo:** A imagem da festividade religiosa como vetor identitário comporta recortes na narrativa televisiva, buscando captar aspectos do cotidiano e da festa, reelaborando narrativas e imagens apresentadas pelos atores dessas festas. As festas religiosas que ocorrem no interior do Brasil possuem signos que evocam permanências da época colonial e imperial, que se perfazem como peças importantes para construção da noção de pertencimento dos indivíduos. A elaboração de uma identidade local traduzida por imagens significantes comparece com intensidade na prática televisiva. Na construção desses elementos que é promovida pelos meios de comunicação em massa de Goiás, as festas religiosas e instrumentos a elas vinculados remontando a uma ideia de tradição, como o carro de boi, que aparecem como elementos catalisadores dessa identidade. Nesse artigo buscamos observar a elaboração de imagens das festas religiosas e de uma fé goiana como elementos significantes das narrativas televisivas, no qual os atores dessas manifestações apresentam os elementos que lhes são significantes e plenos de sentido, recortando-os e apresentando uma percepção relacional entre o tempo cotidiano e o tempo da festa diante de indivíduos que ganham assim a possibilidade de absorver esses elementos de pertencimento.

**Palavras-chave:** festa religiosa, religiosidade, imagem, televisão, identidade

**Abstract:** Festivity religious's image as identity vector proportionate various indentures of television narratives, searching, capturing aspects from the quotidian and from the party, rebuilding narratives and images offer by parties's actors. The religious parties that occur at Brazilian countryside has signs that evoke permanences from colonial and imperial era, that accomplish them as important pieces to build the person's belonging notion. The local identity elaboration translated by significant images shows them with intensity in the televised performance. At bidding of this element that promote by Goiás' mass means of communication, the religious parties and hers instruments, reminding a tradition, are shown as catalyzing elements of this identity. In this article we search observe the religious parties images and a typically local faith elaboration as significant elements of television narratives, where this manifestation actor shows significant elements to him, full of sense, interposing and showing a relational perception between quotidian and party's period to the individuals that gain, in this way, possibility to assimilate this belonging element.

**Keywords:** Religious Party, Image, Television, Identity, Brazilian Religiosity

## Um pouco sobre a Romaria para visitar o Divino Pai Eterno

As festas religiosas que ocorrem no interior do Brasil possuem signos que evocam permanências da época colonial e imperial, que se perfazem como peças importantes para construção da noção de pertencimento dos indivíduos. A Romaria dos Carreiros de Damolândia – Goiás é uma manifestação religiosa que possui traços mormente semelhante a outras manifestações presentes no território brasileiro. Entretanto, olhar para todas como sendo repetições de uma mesma manifestação ancestral não ajudaria na compreensão de suas articulações com o imaginário dos sujeitos que delas participam, obstruindo a possibilidade de aproximar-se da multiplicidade de signos, símbolos e significados que nelas estão engendrados, e das diversas articulações entre sagrado e profano que ali se apresentam.

A Romaria dos Carreiros de Damolândia pode ser interpretada como uma manifestação atrelada ancestralmente a um culto cujo encontramos suas raízes no período colonial brasileiro, mas que traz em seu bojo aspectos ora medievais, ora contemporâneos. O mais significativo, na perspectiva empreendida na pesquisa que deu origem a esse artigo é o culto à terceira pessoa da trindade cristã, simplesmente chamado pelos fiéis de *Divino Espírito Santo*. Esse ente de devoção da cristandade foi um dos mais populares em terras lusas no passado, espalhando-se seu culto por todo o império



ultramarino português. De tal feita que podemos apontar as *festas do Divino* como sendo aquelas que ainda hoje tem grande popularidade e penetração territorial, encontrando-se ocorrências dela de norte a sul do Brasil, muito antes da popularização da televisão como difusor e padronizador de eventos culturais.

A escolha pelo estudo da Romaria dos Carreiros de Damolândia, dentre as diversas manifestações religiosas – cristãs ou não – que existem no território goiano, deveu-se especialmente ao material produzido pela Televisão Brasil Central (como descrito más adelante) e também pela imagem construída pelos diversos meios de comunicação e que se faz sentir como cristalizada junto a população, dessa mobilização e deslocamento de pessoas como sendo uma *demonstração de fé goiana*, única e, portanto, emblemática enquanto constitutivo de um imaginário.

Sendo direcionada para um só objetivo – o louvor ao Divino Espírito Santo na sua cor local, o louvor ao *Divino Pai Eterno* – e tendo como forma a peregrinação para uma “cidade santa”, a cidade de Trindade – Goiás, essa festa tem formas mormente distintas de louvar essa representação da divindade, imprimindo à festa um *sabor* bastante local e podendo representar essa *fé goiana*, singular em forma e conteúdo.

A inquietação que impeliu a pesquisa que deu origem a esse artigo, em parte, surgiu do questionamento sobre a capacidade dos meios de comunicação para produzir uma reflexão sobre os signos comportados pela festa, ao gerar uma ilusão de imediatismo e de familiaridade com fatos, pessoas e signos que se encontram a milhares de quilômetros de distância, de modo a constituir uma cadeia de sentidos que comparece para os sujeitos envolvidos nelas, através de suas narrativas ou das imagens das práticas festivas e religiosas. Acreditamos que imagem dos festeiros', pagadores de promessas e toda a sorte de sujeitos presentes nesses eventos foi amplificada e difundida pela penetração possibilitada através da televisão nas últimas décadas, fazendo-se percebidas nos espaços e nas práticas das festas.

Nossa reflexão direcionou-se, inicialmente, ao acervo custodiado pelo Museu da Imagem e do Som de Goiás (MISGO), especificamente aquele que se encontra organizado sob o título de *coleção Televisão Brasil Central*, ali reunidos como fruto de um acordo entre o museu e a Televisão Brasil Central (TBC), celebrado depois de um incêndio ocorrido em 1997 que colocou em risco grande parte do material arquivado nos prédios da emissora.

Dentro de um projeto de reapresentação do conteúdo videográfico produzido pela emissora, denominado de “TBC Memória”, a equipe de jornalistas e historiadores do site GoiásAgora, que é parte da Agência Goiana de Comunicação (AGECOM), buscaram no acervo existente no MIS-GO vídeos de reportagens que passaram a ser divulgados dentro do site [www.goiasagora.go.gov.br](http://www.goiasagora.go.gov.br). Um dos registros que se mostrou instigante para nossa observação denomina-se *A saga dos carreiros*, um programa especial de aproximadamente 30 minutos elaborado no ano de 1990 sobre a viagem de grupos de romeiros, chamados de *carreiros* por conta do uso dos carros de boi, entre as cidades de Damolândia e Trindade, ambas no estado de Goiás, por ocasião da festa do Divino Pai Eterno. Tal programa foi considerado como um marco para a história da própria emissora, tendo o mesmo recebido importantes prêmios na época. Produzido por Lenine Gondim, o programa tem sua importância no discurso daqueles com quem comentávamos sobre ele atribuída à festa ali registrada. Tal conjunto de relatos provocou em nós questionamentos que nos conduziram durante entrevistas com participantes da festa e a pesquisa nas diversas fontes. Como forma de aprofundar a discussão e possibilitando a captura de mais elementos que balizassem o estudo dos sentidos comportados pelos signos nas festas, buscamos observar a produção da empresa televisiva sobre o assunto como um memorial.

Desse modo, e sob esse panorama, o artigo aqui apresentado, fruto da dissertação de mestrado denominada “Festa Religiosa, Sujeito E Imagem: A Construção De Um Imaginário”, defendida junto ao programa de pós-graduação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG) no ano de 2014, busca observar a elaboração de imagens das festas religiosas e de uma fé goiana como elementos significantes das narrativas televisivas, no qual os atores dessas manifestações apresentam os elementos que lhes são significantes e plenos de sentido, recortando-os e apresentando uma percepção relacional entre o tempo cotidiano e o tempo da festa diante de indivíduos que ganham assim a possibilidade de absorver esses elementos de pertencimento.

## Que festa é essa?

Para refletir sobre a Romaria dos Carreiros de Damolândia e conseqüentemente sobre a Festa do Divino Pai Eterno e as imagens que são elaboradas referentes a essas manifestações é de importância significativa compreender um pouco da narrativa atribuída à devoção que leva milhares aos “pés do Pai Eterno”.

O culto ao Divino Espírito Santo tem o seu surgimento localizado espacial e temporalmente em Portugal, nos séculos XIII e XIV. São associadas a ele diversas crenças, como o milenarismo e a do “Império do Espírito Santo”. Todas elas advêm do pensamento atribuído ao abade franciscano Joaquim de Fiore, influenciando um sem-número de religiosos e poderosos em Portugal. Segundo Meira (2009), o surgimento desses festejos está vinculado, inicialmente, com a influência franciscana em Portugal, especialmente sobre a figura da Rainha Isabel de Saragoça (ca. 1270 - 4/julho/1336), também chamada de Rainha Santa Isabel de Portugal. Por estarem próximas das antigas festas da Primavera, as festas de Pentecostes, nas quais o Divino Espírito Santo era costumeiramente celebrado, emprestavam delas características marcantes, como a mesa farta e a caridade, com distribuição de alimentos aos pobres, pois, a primavera era momento de abundância.

Já nos festejos do Divino Pai Eterno em Goiás, podemos observar que os atores direcionam inicialmente a valorização da mesma como uma manifestação com sentidos de antiguidade transformada em tradição, vinculada a devoção ancestral.

Historicamente falando, o fenômeno religioso dá-se desde a origem da cidade de Trindade, aproximadamente em 1830, ainda sob o nome de Barro Preto. Segundo a narrativa tradicionalmente aceita, e que é reproduzida por Aquino (2007), a devoção à imagem que teria a representação da coroação de Maria, ladeada por Deus Pai e pelo Cristo e com a pomba que representa o Divino Espírito Santo por sobre eles<sup>1</sup> inicia-se por volta de 1843, quando é construída uma pequena capela de sapé para que a população dos arredores das terras de Constantino Xavier pudesse reunir-se para rezar o terço e praticar outras atividades religiosas, que anteriormente ocorriam na casa do agricultor. A imagem que era apresentada aos fiéis nesse período seria um pequeno medalhão de barro de aproximadamente 10 centímetros. A capela que foi construída somente poderia ser consagrada pelos padres situados na cidade de Campinas (hoje um bairro da cidade de Goiânia-GO) se possuísse uma imagem que atendesse certos padrões (seriam eles não possuir defeitos e ser maior que um palmo, aproximadamente 20 centímetros). Para obter tal imagem, Constantino teria se deslocado até a cidade de Goiás, então capital da província, onde pediu para o artesão Veiga Vale<sup>2</sup> fazer uma imagem que assim atendesse o que fora estabelecido, vendendo inclusive seu cavalo para reunir o pagamento para o artista.

Com a imagem feita e sem seu meio de transporte, Constantino Xavier voltou para Barro Preto à pé. Os sacrifícios que tal jornada agregou à história da imagem fez com que passasse a ser invocado o *Divino Pai Eterno* pela população que conhecia aquele ponto de devoção. A igreja ali localizada passou então para administração dos irmãos Redentoristas, a partir de 1894<sup>3</sup> e estes procuram garantir à romaria um papel importante para as mais diversas comunidades, divulgando e ampliando o alcance da narrativa pioneira, fortalecendo a imagem do Divino Pai Eterno como o *santo de devoção dos goianos*, e Trindade como sendo a *capital da fé*.

<sup>1</sup> Reside alguma controvérsia sobre a origem da primeira imagem de culto, o medalhão de barro, que inspirou a devoção em Trindade e que hoje não é mais exposta. Segundo Deus (2000 apud Aquino (2007)) o relato atual, e propagado pela Igreja, de que o medalhão teria sido encontrado durante o preparo da terra de cultivo pelo agricultor Constantino Xavier diverge daquele que é encontrado num dos materiais religiosos mais antigos relativos ao assunto, no qual se afirma que o medalhão teria sido trazido pelo lavrador desde sua região de origem, sendo seu santo de devoção desde antes do estabelecimento na região.

<sup>2</sup> Esse artesão, tido como autodidata pela falta de dados sobre sua formação, é considerado o principal expoente da arte de esculpir santos em madeira de Goiás no século XIX. Sua obra possui traços barrocos, o que faz alguns estudiosos considerarem que o isolamento da região proporcionou a permanência mais duradoura dessa estética artística em relação aos centros difusores de arte do país.

<sup>3</sup> O relato sobre as transformações que são presenciadas na cidade de Trindade e no modo como a Igreja interfere na organização da devoção foi basicamente recolhido da dissertação escrita por Duarte (2004).

Figura 1: Monumento ao Divino Pai Eterno na entrada de Trindade-Goiás



Fonte: Corcinio, 2012.

## O Divino na TV – a romaria eletrônica

Segundo a reflexão de Temer (2012), a grande descobridora de fato do Brasil e a responsável por uma “uniformização cultural” do interior do país foi a televisão. Tal afirmativa oferece desafios para refletir sobre as manifestações culturais que se cristalizam nos sertões, longe dos referenciais muitas vezes apresentados pela produção televisiva.

A construção e reelaboração dos signos por vezes independe da publicização dos eventos, mas aquelas acabam sendo profundamente afetadas por essa publicidade. A tensão entre as diversas visões engendradas pelas manifestações religiosas e o como se apreende o pertencimento dos sujeitos envolvidos pode ser observada em registros como o da *Romaria dos Carreiros*.

A festa do Divino Espírito Santo, nas diversas formas que ganhou no território brasileiro apresenta-se adaptada aos novos contextos e desafios impostos pela territorialidade aplicada a ela, não afastando as referências de práticas europeias de tempos recuados que as transpassam. Mesmo que mantenham práticas e representações advindas de uma Europa distante, elas se modificaram com as influências vindas das vivências diversas aqui empreendidas, moldando essas manifestações e deixando-as singulares. Os símbolos presentes nessas manifestações parecem deslizar sobre um fundo mais denso de sentidos. Seu registro, ostentação ou valorização advém de uma *função pedagógica* que é atribuída a eles na sua articulação com o cotidiano dos atores da festa religiosa.

Mostra-se significativo compreender que a capacidade de divulgação dessas imagens pela mídia televisada oferece novas formas de relacionamento para os atores da festa em relação a manifestação religiosa, reforçando a imagem enquanto fundamento da narrativa cristã. Nesse panorama, a capacidade da tecnologia de difundir as imagens religiosas e de possibilitar ao indivíduo a apreensão da vivência nessas manifestações religiosas onde tradicionalmente o deslocamento constitui-se como parte do ritual mostra-se como uma parte significativa da elaboração da pertença pelos indivíduos ligados a festa religiosa.

As imagens captadas pelas lentes das câmeras da Televisão Brasil Central durante a Romaria dos Carreiros de Damolândia na década de 1990 não somente retratam o evento; Descortinam algo para além dele, elevando a manifestação selecionada ao *status* de “patrimônio cultural” e

“identitário” da sociedade goiana, constituído-se como elemento que particularizava os indivíduos, como reforça Hall (2006), que atribui a narrativa cultural da comunidade uma ênfase nas origens, a continuidade, tradição e intemporalidade.

A observação das imagens capturadas possibilita incluir como fonte de elaboração de pertencimento de um indivíduo tais imagens, que servem como apoio da memória. A capacidade de *capturar o instante* que a fotografia (e por extensão o vídeo) possui, na reflexão de Benjamin (1996), possibilita flagrar esses momentos significantes e heterogêneos presentes nas festas que nublam as linhas entre o profano e o sagrado, o rezar e o festar que somos tentados a traçar quando discutimos sobre festas religiosas durante as reflexões acadêmicas. As imagens são denunciadoras do tempo no qual elas foram captadas e das percepções daqueles que as produzem. As representações da fé e de como as pessoas se relacionam com as manifestações religiosas também captam também outras perspectivas que avançam para além das questões de crença e ancoram-se na percepção do mundo.

Tal perspectiva se faz presente ao refletirmos sobre a figura Erro: Origem da referência não encontrada. Não apenas a construção cênica interessa, mostrando o volume de pessoas que se encontram no evento, mas também os sinais de devoção ali presente. As mãos erguidas em direção a algo ou alguém que se encontra para além do plano registrado denota tal fenômeno, juntamente com os pontos de luz que denunciam velas nas mãos das pessoas. No contraste com a luz crepuscular, as velas e a multidão conformam uma imagem que remete à tempos pretéritos. Desconectando o observador dos referentes de uma temporalidade contemporânea, a imagem pode ser percebida com o aflorar não só de antiguidade como também de vinculação com elementos mais espirituais, já que dentro das mais diversas tradições é a noite que o caminho entre o divino e o humano estaria facilitado<sup>4</sup>.

Tais dados apresentam-se para que esse instante constitua se como portador de signos aptos a serem captados por aquele que observa aquela representação ali presente e que, através da elaboração imagética dela, comportando narrativas importantes para a construção de pertença ou alteridade que é possível ser empreendida pelo sujeito que as presencia ou diretamente ou diante da tela da televisão.

Figura 2: Aglomeração de romeiros para celebração de missa campal - Trindade/GO



Fonte: Gondim, 1990.

<sup>4</sup> Tal percepção é reforçada em diversas crenças. O crepúsculo é o momento inicial das celebrações judaicas, cristãs e islâmicas. É durante a noite que os escritos sagrados são revelados e que o divino aproxima-se dos fiéis, seja diretamente ou seja por meios indiretos, como sonhos.

## É uma fé goiana...

A elaboração de uma identidade traduzida por imagens significantes comparece com intensidade na prática televisiva. Na construção desses elementos em âmbito regional que é promovida pelos meios de comunicação em massa de Goiás, as festas religiosas e instrumentos a elas vinculados remontando a uma ideia de tradição, como o carro de boi, aparecem como elementos catalisadores dessa identidade.

Mostra-se como eixo orientador na produção signica engendrada no relato televisivo relativo a religiosidade a elaboração de conjuntos de imagens que comportem a noção de “rural” como valor e que, em geral, apresenta-se como um momento de retorno ritual a um tempo no qual existiria um ambiente de comunidade, tranquilidade e ordenamento, mesmo que a custa de sacrifícios físicos. A extensiva apresentação das dificuldades presentes na Romaria, como o transporte, habilita sua compreensão como sacrifício que é oferecido por aquele que participa, sendo inserida na jornada de busca pelo contato com o divino.

Ao apresentar essas imagens, atribuindo-lhes o valor de tradição, processa-se também uma associação das dificuldades com aquilo que forjaria o “homem goiano” e seria capaz de distingui-lo de outros indivíduos. Nas palavras de Castro (2007), “(...) pensar sobre a identidade (ou sobre o que une) é, necessariamente, colocar em questão o que distingue (ou o que separa), (p.138)”

A festa religiosa é um espaço de múltiplas fruições. Nascimento (1998) auxilia-nos na percepção desse aspecto, ao afirmar que

(...) durante a festa, como moradores do meio rural, eles têm acesso a bens materiais e simbólicos típicos das grandes cidades. (...) Nesse sentido, além do contato com "o sagrado" na terra santa, Trindade oferece um banho de "cidade". Durante o dia, dois parques de diversões animam jovens e crianças. À noite, locutores de rádio Mil FM, de Goiânia, comandam shows, concursos de calouros e vídeos (...). O roteiro transpõe a vida sedentária da rotina, tanto no campo quanto na cidade, para um nomadismo temporário (...) onde entra em contato com novas possibilidades, sagrada e profanas, de vida social para, posteriormente, retornar ao local familiar (...) (Nascimento, 1998, p.15 et seq)

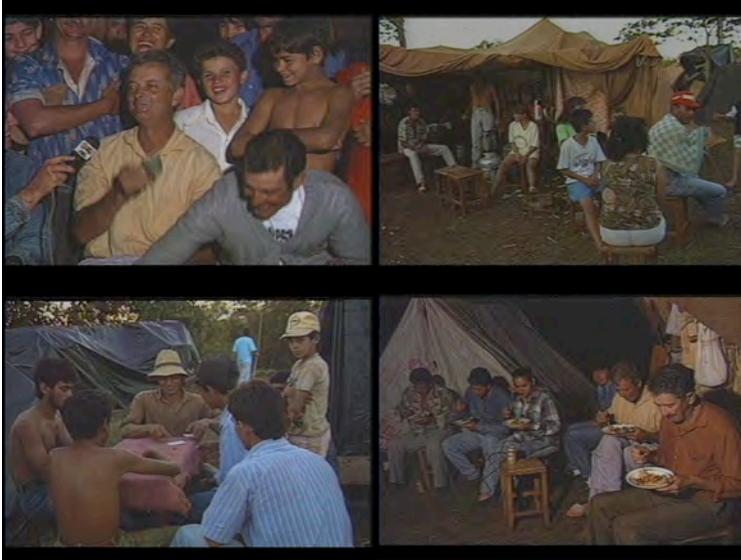
E tal análise estabelece-se em convergência com as imagens apresentadas no documentário da TBC, onde a fruição que se empreende durante a jornada até a *terra santa* de Trindade se faz presente especialmente nos pousos<sup>5</sup>. Em contrapartida, a prática temente da religiosidade comparece nos atos e nas enunciações dos atores envolvidos na festa, quando questionados sobre o sentido da festa para eles, mas tem pouca visibilidade no discurso televisivo.

A construção da imagem da romaria como momento especial que pode abarcar o sagrado e o profano, o fruir e a penitência, o pertencer e o distinguir-se, elabora as diversas formas de relação dos indivíduos com a festa, que nesse ponto engloba não só o local do santuário, mas todo o tempo que foi dedicado para a preparação e esse deslocamento. Como Vilhena (2003) relembra, “[...] a festa não começa com a chegada dos convidados, mas com os preparativos, assim também a peregrinação não começa com a partida, mas com seu anúncio, seu advento” (p. 19). Assim, a romaria é valorizada como um ponto tão importante para o indivíduo que participa dela como a chegada na Basílica do Divino Pai Eterno em Trindade e a visita ao medalhão santificado.

Mas o papel da televisão, quando colocado em questão para os atores das festas, é tido como um amplificador seletivo dela e de seus sentidos. Isso se faz claro no olhar sobre a representação da festa diante dos meios comunicacionais. O espanto, a velocidade e o alcance que a televisão e a internet proporcionam coaduna com a noção de sua interferência no cotidiano. Os carreiros mais velhos observam essa capacidade de forma positiva, sentindo-se reconhecidos e compreendendo que se a mídia não transmite todos os aspectos da festa não é por desinteresse, e sim por impossibilidade – técnica, de tempo ou de oportunidade.

<sup>5</sup> Pousos é o momento, a noite, que, durante a viagem, os romeiros se reúnem para descansar a noite (por analogia, o nome também é atribuído ao espaço onde isso ocorre)

Figura 3: Momentos de fruição "mundana" nos pousos da Romaria



Fonte: Gondim, 1990.

Figura 4: Participar da festa é viver a festa ou registrá-la?



Fonte: Corcinio, 2013.

A presença da televisão, sempre notada, enquanto é tida por positiva por alguns carreiros, é compreendida por outros como enfraquecedora da festa, especialmente por mostrá-la em partes. Questionados sobre se acompanham aquilo que é veiculado sobre eles, os carreiros mais velhos informam que veem, quando fora da romaria, já que durante ela não existe estrutura que lhes permitam tal apreensão. Para obter informações sobre essas aparições, ficam dependendo daquilo que lhes comunicam os parentes que permaneciam na cidade. Essa divulgação para eles é muito positiva, por serem vistos em lugares muito distantes. Segundo o relato de um dos carreiros, é

incrível tal capacidade de divulgação, possibilitando que Damolândia fosse “mundialmente conhecida como a cidade com mais carros de boi” e mesmo um sobrinho de um dos carreiros

que vive pra frente de Miami [EUA], que é advogado e professor lá, no dia que passou que tinha entregado o carro [de boi] para o [presidente] Lula<sup>6</sup>, quando eu cheguei aqui, minha mulher me falou que ele já tinha ligado falando que tinha me visto lá ... Você vê como é o meio de comunicação, né? (Furtado, 2014).

Ainda mais valorizado é quando a imagem publicizada do carro de boi possibilita alguém se aproximar da festa enquanto carreiro, sem ter nenhum contato anterior. Os carreiros relembram o caso de um fazendeiro de Guaratã-MT que viu a romaria por um vídeo na internet e veio até Damolândia, tendo então ficado “oito dias aqui comigo. Comprou oito bois e um carro. Ele mais a esposa vão para a romaria do ano que vem [2015] com o carro cheio de mantimento que eles vão doar para a Vila São Cotelengo<sup>7</sup> ... questão de fé, né?” Furtado (2014).

Ao passo que a tecnologia é vista por alguns como boa, outros compreendem a como uma ruptura na organicidade da sociedade. Segundo o carreiro que participa da RCC:

[...] tem aqueles que critica mas não conhece a realidade nossa ... aqueles que se atenta a chegar perto, às vezes gosta e tal, pensa que é um mundo totalmente diferente e atrasado ... mas se aproxima e vê que a realidade é diferente [...] Você volta para a realidade [...] você vê o quanto teve a evolução. O quanto o homem evoluiu, teve a modernidade, teve a área da computação, o software, o hardware, mas esqueceu os princípios, os valores do ser humano, a família [...] (Franklin, 2014).

Desse modo, as mudanças são vislumbradas pelos participantes da Romaria dos Carreiros de Damolândia de modo a comportar diversas festas, cada qual sob óticas mais ou menos convergentes em relação a sociabilidade e os sentidos ali presentificados.

A elaboração de imagens, reforçadas pelos meios comunicacionais, que acabam por associar a Romaria dos Carreiros de Damolândia com aspectos de um “universo rural”, mostra-se como apenas um dos nós de toda uma rede de sentidos elaborados e vivenciados por aqueles envolvidos na festa, de alcance e profundidade muito maior do que as imagens veiculadas pelas televisões, focadas em aspectos individuais e recortados da festa, por vezes expurgados de sentidos religiosos.

## **A guisa de conclusão: contemplando uma totalidade**

O estudo sobre as manifestações religiosas presentes no estado de Goiás e a forma como os signos presentes nessas festas são apreendidos pelos atores das mesmas e divulgados pela mídia televisiva local, especialmente a emissora estatal, possibilita que se reflita não somente sobre uma festa, mas sobre festas no plural.

Tal conclusão atrela-se na percepção da multiplicidade de vivências que é possível perceber nos registros e nos relatos do atores e sujeitos dessas festas. Se o papel da televisão mostra-se mais contundente para aqueles que não vivenciam no cotidiano daquela manifestação, sendo então sujeitos daquilo que apresenta-se pelos registros televisivos, editados e mediados dentro de uma lógica que podemos denominar de “apresentação jornalística”, enquadrando o fenômeno religioso presente nas festividades dentro de modelos depurados de sentido, convenientes para a apreciação recortada possibilitada pelo modelo informacional ali proposto.

Em contrapartida, para aqueles que envolvem-se diretamente com a manifestação, seus signos e os sentidos que hidratam essas práticas, a vivência da festa se espalha por todo o espaço e tempo de sociabilidade. A festa, para seus atores, não está contida apenas nos dias de romaria, momento no

---

<sup>6</sup> Esse episódio, contado com orgulho e direito a fotos desse encontro, foi uma articulação estadual para a presença do presidente na saída da Romaria dos Carreiros de Damolândia, em junho de 2004.

<sup>7</sup> A Vila São José Bento Cotelengo é um hospital filantrópico católico especializado no tratamento de enfermidades mentais, motoras e cognitivas, dando atendimento por meio do Sistema Único de Saúde - SUS ou atendimento particular. Situado em Trindade, acaba sendo objeto de muitas ações de devoção dos romeiros, como doação de mantimentos.

qual culmina a mobilização de recursos e forças desses indivíduos. Ela entremeia-se no cotidiano, nas atividades comuns e ordinárias. E se faz perceber de modo latente nas sociabilidades.

As festas religiosas, e todos os fenômenos que comparecem ali constroem em torno de si aquilo que poderíamos denominar cenários folkcomunicativos. Esses cenários não são devidamente captados pelos grandes meios de comunicação em sua amplitude de sentido, sob nosso ponto de vista, devido às configurações que são atribuídas as festas. Elas são apresentadas como momento de ruptura do cotidiano e produzem-se imagens relativas a elas cujo o valor é meramente de exposição, reforçando aspectos de um tempo lento, desconectado com a dinâmica da atualidade.

Observando o que Wunenburger (2007) escreve sobre o papel da televisão na construção de um imaginário. No seu entendimento:

A difusão televisada de histórias, reais ou fictícias, não apenas substitui o ritual do relato mítico e do conto, há muito tempo tornados escassos e reservados a uma elite, mas suplanta pela força da animação audiovisual a leitura do romance, que nestes três últimos séculos serviu de meio para atender à necessidade de imaginário (Wunenburger, 2007, p. 57).

Em confluência com isso, podemos também rememorar reflexões de Siqueira (2010), que nos apresenta o seguinte cenário:

Nos dias atuais há macroproblemas envolvendo a espiritualidade e a religião, como os da secularização, do encantamento, do desencantamento e do reencantamento do mundo, das teorias da dessacralização e da teoria contra a secularização. O tema é vasto. [...] A religiosidade está no âmbito do sentimento e exige fé. Justifica-se pela teofania e pela hierofania. As práticas iluminam-na. Nelas cabem as lendas, os mitos, os ritos. Lendas e mitos falam das origens, os ritos servem para presentificá-los e abrir caminho para o futuro, desta ou da outra vida [...] Alguns julgaram ter descoberto a realidade do oculto, outros, cautelosamente, concluíram que não se deve negar nada enquanto não for refutado (Siqueira, 2010, p.144-149).

A importância atribuída a alimentação, a família, a caminhada e ao sacrifício – entendido aqui como dificuldade presente na jornada – comparece como instantes de vivência essenciais na compreensão daquilo que se passa no cotidiano estendido comportado pelos momentos de festa, de preparativos e por aqueles não relacionados objetivamente com a romaria. Esses aspectos configuram-se importantes na construção do imaginário sobre a romaria. Imagens publicizadas pela televisão ou as memórias dos carreiros denotam o papel de articulação que esses elementos comportam dentro da festa.

Assim, a Romaria dos Carreiros de Damolândia constitui-se como um momento onde a narrativa mítica reaparece, retomando em parte o papel de constituidora da imaginabilidade e da elaboração de sentidos para seus atores. E essa dimensão demanda da participação e da sensação de pertença do indivíduo daquele universo que extravasa os dias “oficiais” da festa. O que escapa da visualização das imagens elaboradas pelos meios de comunicação que procuram registrar a Romaria dos Carreiros de Damolândia enquanto evento é a experiência sensorial de uma elaboração de significados contidos na vivência da manifestação religiosa. A fé goiana transparece nessas imagens, mas se compõe do *continuum* exigido pela participação nessas manifestações.

Assim, rememorando o que se olha na festa, avança-se sobre conceitos e práticas da comunicação. As imagens coletadas comportam um papel hibridizado entre o culto e a exposição benjaminiana, denotando a permanência de práticas, modos e vivência. Escapa da elaboração imagética proposta pelos meios de comunicação a percepção dessa permanência que é fulcral na deambulações presentes no discurso dos atores da festa. Os tempos passam, as técnicas revolvem-se e a festa capta essas mudanças, que comparecem em seus registros imagéticos pelas fendas, escorrendo pelos detalhes não pensados.

Desse modo, o encantamento presente no cotidiano daqueles que bebem, comem, dançam e rezam durante a Romaria dos Carreiros de Damolândia espraia-se por todo o ano, nos preparos e nas práticas que engendram nas vivências comuns. A fé goiana, com cores bem próprias reflete-se nos dias de romaria, mas tem nos momentos mais recônditos do convívio dos companheiros o seu verdadeiro vigor.

## REFERÊNCIAS

- Aquino, V. L. (2007). *Peregrinos do pai eterno: os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade – GO*. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.
- Benjamin, W. (1996). *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo/SP: Brasiliense.
- Castro, A. L. de. (2007). Culto ao Corpo e estilos de vida: o jogo da Construção de identidades na Cultura Contemporânea. In *Perspectivas* (pp. 137-168). São Paulo: UNESP.
- Duarte, V. G. (2004). *O carreiro, a estrada e o santo: um estudo etnográfico sobre a romaria do Divino Pai Eterno*. Goiás: Instituto Goiano de pré-história e antropologia.
- Franklin, M. (2014). Entrevista concedida por Michel Franklin para Givaldo Corcinio.
- Furtado, D. (2014). Entrevista concedida por Dirceu Furtado para Givaldo Corcinio e Valéria C. Pereira da Silva.
- Hall, S. (2006). *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro/RJ: DP&A.
- Meira, E. da S. (2009). *No lugar da Rua do Porto, das poéticas de uma Festa*. Campinas: Instituto de Artes.
- Nascimento, S. (1998). A romaria do Divino Pai Eterno. *Revista Travessia – revista do Migrante*, XI(31), CEM, São Paulo.
- Siqueira, S. A. de. (2010). Religião e religiosidade: Continente ou conteúdo? In A.A.F. Assis e M. Salgado Pereira (orgs.), *Religiões e Religiosidades: Entre a tradição e a modernidade* (pp. 143-157). São Paulo: Paulinas.
- Temer, A. C. (2012). *Televisão: A padronização cultural do interior do Brasil*. Palestra de abertura do Encontro Nacional da ALCAR-CO, Dourados/MS.
- Vilhena, M. Â. (2003). O Peregrinar: Caminhada Para a Vida. In E. S. Abumanssur (org.), *Turismo Religioso: Ensaios Antropológicos sobre Religião e turismo* (pp. 11-27). Campinas/SP: Papirus.
- Wunenburger, J.-J. (2007). *O imaginário*. São Paulo/SP: Loyola.

## SOBRE O AUTOR

**Givaldo Ferreira Corcinio Junior:** Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás, especialista em Artes Visuais pela Faculdade Senac de Goiânia, Goiás, bacharel e licenciado em História pela Universidade Brás Cubas de Mogi das Cruzes, São Paulo. Atua como pesquisador na Agência Brasil Central de Comunicação (ABC), órgão do governo estadual de Goiás. Pesquisa sobre história da televisão, identidades, religiosidade popular e festas religiosas.